



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**LUCIANA ARAÚJO RAMALHO**

**AUTISMO E EDUCAÇÃO NA LITERATURA CIENTÍFICA**

**LUCENA - PB  
2017**

**LUCIANA ARAÚJO RAMALHO**

**AUTISMO E EDUCAÇÃO NA LITERATURA CIENTÍFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Orientador: Profa. Dra. Nayara Tatiana Santos Costa

**LUCENA- PB  
2017**

R165a Ramalho, Luciana Araújo.

Autismo e educação na literatura científica / Luciana Araújo Ramalho. – João Pessoa: UFPB, 2017.

52f. : il.

Orientadora: Nayara Tatiana Santos Costa  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Autismo. 2. Educação. 3. Inclusão – pessoa com deficiência.  
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37+616.89(043.2)

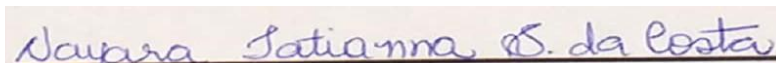
**LUCIANA ARAÚJO RAMALHO**

**AUTISMO E EDUCAÇÃO NA LITERATURA CIENTÍFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 04/12/ 2017

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Nayara Tatiana Santos Costa

Orientadora

Universidade Federal da Paraíba

---

Profa. Dra. Kiara Tatianny Santos da Costa

Universidade Federal da Paraíba

---

Profa. Me. Nathália Fernandes Egito Rocha

Universidade Federal da Paraíba

Ao meu filho Lucas Rodrigo, a maior fonte de incentivo para buscar conhecimentos sobre o autismo. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela saúde e força a mim concedidas.

Aos meus familiares, por todo o apoio necessário para enfrentar esta jornada.

A minha orientadora, Profa. Dra. Nayara, por ser uma pessoa essencial para a conclusão desse curso.

Aos funcionários da UFPB/Virtual, pela assistência durante todo o curso.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, contribuindo com pequenos detalhes e necessárias informações.

*Educação não transforma o mundo.  
Educação muda as pessoas. Pessoas  
transformam o mundo.*  
Paulo Freire (1921-1997).

## RESUMO

Este trabalho verifica o atual cenário do autismo no campo acadêmico e da literatura científica na educação, embora o autismo tenha recebido destaque na literatura científica; atualmente ainda tem uma enorme busca por identificar e desvendar os mistérios envolvidos entorno deste complexo tema. Este estudo analisa o que há de disponível nas produções acadêmicas sobre autismo, e quais discussões tem se desenhado nos programas de pós graduação no período dos últimos cinco anos. E o que tem de novo em torno do tema autismo e educação. O objetivo deste estudo foi identificar no site da BDTD através da pesquisa de dados, buscando pela palavra chave autismo nos títulos das dissertações em que maior e menor período tem se levantado discussões sobre o autismo e educação. Como o profissional da educação tem contribuído no campo acadêmico e educacional para o desenvolvimento do autista no ambiente escolar, dentro dos últimos cinco anos qual foi o ano que se concentrou o maior número de estudos sobre autismo na esfera acadêmica e educacional e quantidade de publicações com o tema autismo entre 2013 a 2017. De modo mais específico, procura reunir respostas na literatura científica e no universo acadêmico para suprir a necessidade de informações para o profissional da educação realizar atividades direcionada com o portador do transtorno do espectro autista TEA. E quais contribuições esses estudos trouxeram a partir desse eixo temático. Como esses estudos direcionou a problemática de como atuar em sala de aula com esses alunos autistas. Para aqueles que atuam na formação e educação dos portadores do espectro autista, exemplificar como orientar as atividades nesse processo de ensino/aprendizagem e citar proposta de trabalho multidisciplinar, adota-se o entendimento de uma compreensão de alfabetização à luz de Paulo Freire aliada à adaptações necessárias para alcançar os objetivos pretendidos.

**Palavras-Chave:** Autismo, Educação. Inclusão da Pessoa com Deficiência, Revisão literária.

## **ABSTRACT**

This work verify the current scenario of autism in the academic field and the scientific literature in education, although autism has received prominence in the scientific literature; currently still has a huge quest to identify and unravel the mysteries involved surrounding this complex theme. This study examines what is available in academic productions about autism, and what discussions have been designed in graduate programs over the last five years. And what's new around the theme autism and education. The purpose of this study was to identify on the BDTD website through data search, searching for the key word autism in the titles of dissertations in which major and minor period has been raised discussions on autism and education. As the educational professional has contributed in the academic and educational field to the development of the autistic in the school environment, within the last five years it has been the year that has concentrated the largest number of studies on autism in the academic and educational sphere and quantity of publications with the theme autism between 2013 to 2017. More specifically, it seeks to gather answers in the scientific literature and in the academic universe to supply the information needs for the professional of the education to carry out activities directed to the person with the disorder of the autistic spectrum TEA. And what contributions these studies have brought from this thematic axis. How these studies addressed the problem of how to act in the classroom with these autistic students. For those who work in the training and education of autistic spectrum carriers, exemplifying how to guide the activities in this teaching / learning process and to cite a proposal of multidisciplinary work, the understanding of an understanding of literacy is adopted in the light of Paulo Freire allied to the adaptations necessary to achieve the intended objectives.

**Keywords:** Autism, Education. Inclusion of the Person with Disabilities, Literary Review.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....</b>	<b>4</b>
2.1 TIPO DE ABORDAGEM E PESQUISA.....	4
2.2 INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS .....	4
2.3 ROTEIRO PARA PESQUISA .....	4
<b>3 AUTISMO: REVISÃO LITERARIA NA PRODUÇÃO CIÊNTEFICA.....</b>	<b>6</b>
3.1 ESCOLARIZAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM DO AUTISTA.....	8
<b>4 AUTISMO E A ABORDAGEM DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SUAS PUBLICAÇÕES DA BDTD .....</b>	<b>10</b>
4.1 ESTUDO DO AUTISMO NOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO .....	11
4.2 ANÁLISE DO PERÍODO DE PUBLICAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES COM O TITULO AUTISMO COMO PALAVRA CHAVE DA BDTD .....	14
4.3 AUTISMO E SUAS CARACTERISTICAS .....	20
4.4 AUTISMO: ALGUNS ENTENDIMENTOS VÁLIDOS .....	15
4.5 CARACTERISTICAS DA CRIANÇA AUTISTA .....	17
<b>5 AUTISMO: FAMILIA E SUAS RELAÇÕES .....</b>	<b>20</b>
5.1 APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA .....	27
5.2 AUTISMO E PRATICAS DE INTERVENÇÃO.....	28
5.3 PLANEJAMENTO INDIVIDUAL DE ENSINO (PIE).....	26
5.4 VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM AUTISMO....	27
5.5 PROGRAMAS COGNITIVOS COMPORTAMENTAIS PEDAGOGICOS ESPECIALIZADOS .....	28
5.6 INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 .....	18
Figura 02 .....	30
Figura 03 .....	30
Figura 04 .....	31
Figura 05 .....	34
Figura 06 .....	34
Figura 07 .....	35

# 1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta recursos que podem ser utilizados por estudantes e professores do universo acadêmico uma vez que traz uma temática relevante sobre a abordagem e produção acadêmica nos últimos cinco anos sobre o autismo na educação. Está dividido em três capítulos e estruturado da seguinte forma, elementos textuais, introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise de dados, considerações finais e por fim as referências.

A pesquisa explora o que vem sendo abordado nos programas de pós graduação na área de educação, e o que se tem de novo nesse cenário e o que norteiam os eixos dessas discussões. É importante falar sobre esse tema, uma vez que o cenário da educação ainda se encontra frágil em relação ao preparo do professor para atuar junto a crianças portadoras do espectro autista.

Portanto identificamos a problemática de como vem sendo abordado dentro dos programas de pós graduação o autismo e suas correlações. Este trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo sobre as questões do autismo na escola, a ação pedagógica e os processos de inclusão de pessoas com deficiência. De modo específico, visa mostrar como vem sendo feito esses estudos sobre autismo, o professor e sua atuação na educação e atuação do mesmo na sala, quais adaptações adequadas é preciso ser realizada na sala de aula e também junto aos alunos e educadores, para receberem atenção de modo específico e com qualidade visando o bem-estar e desenvolvimento cognitivo dos alunos autistas.

Muitos são os mitos falados sobre este assunto, o autismo. As dificuldades começam desde os primeiros anos de vida quando se nota algo de diferente na criança em relação ao comportamento, quando é feita uma relação de comparação da criança autista com outras crianças da mesma faixa etária. Dependendo da intensidade do espectro autista é muito notório, e começa as especulações primeiramente dos pais e depois dos familiares, se estendendo para os vizinhos, e escola. Na escola as comparações são imediatas principalmente em meio às crianças que não conseguem entender o distanciamento da criança autista e sua falta de interação com os colegas da escola, o professor nota as inúmeras dificuldades do aluno em conseguir evoluir no seu aprendizado.

No primeiro momento são muitos os questionamentos, perguntas sem respostas. Para o professor ter uma visão diferente deste aluno, e iniciar uma investigação das suspeitas se o aluno tem algum transtorno, ele tem que ser perceptivo e fazer aos poucos um estudo de caso do aluno, junto à família e a equipe multidisciplinar da escola, para que juntos possam ajudar esta criança à trilhar o caminho da evolução cognitiva e com a ajuda de outros profissionais para chegarem ao diagnóstico, e então ser traçado os meios e métodos de tratamento do autista, pois como é claro para todos que convivem com essa síndrome o autismo não tem cura.

Mas, tem tratamento direcionado e específico para melhorar o autista nos três fatores mais afetados, o comportamento, comunicação e o cognitivo. O pedagogo tem uma grande parcela de contribuição neste tratamento, pois é através destes profissionais que são aplicados jogos educativos, elaboração de atividades para atingir o nível de entendimento possível do autista, com atividades confeccionadas manualmente para que a criança autista possa aprender desde coisas mais simples como pareamento de cores, letras, números e imagens.

Como atividades de vida diária, devido aos autistas serem muito dependentes de um cuidador, para esta evolução ser contínua é necessário repassar orientações aos pais ou cuidadores de crianças autistas para que este trabalho seja uma extensão da escola a casa da criança e assim juntos unindo forças para o desenvolvimento da criança, mesmo que em passos lentos será notório, trazendo uma melhora significativa.

Para o aluno, professor, escola e família. Para que tudo venha evoluir as orientações aos pais de uma criança já diagnosticada com autismo, é extremamente importante neste processo escolar que a criança com autismo esteja inserida neste processo de ensino e aprendizagem, pois ele só estará incluído se verdadeiramente for participativo na atividade escolar, porém respeitando suas limitações e dificuldades, mas jamais tirando o seu espaço para que ele possa explorar novas experiências.

Diante as dificuldades encontradas em sala de aula pelos pedagogos em elaborar atividades diferenciadas, onde o aluno autista venham despertar seu interesse em realizar aquela atividade proposta e ao mesmo tempo o professor conseguir transmitir o conhecimento proposto na atividade (CUNHA,2012, p.30). Identifica-se a problemática: como o autismo tem sido abordado pelos programas de pós graduação nas publicações de dissertações da biblioteca digital de teses e dissertações da capes – BDTD.

## OBJETIVO GERAL

Analisar nas produções acadêmicas o que há disponível sobre o autismo, quais as discussões que tem se desenhado nos programas de pós graduação em educação nos últimos cinco anos.

## OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Identificar como o autismo tem sido abordado nas dissertações dos programas de pós graduação em educação e categorizar seu conteúdo a partir de eixos temáticos;
- Organizar qual período e ambiente concentrar o maior numero de estudos a temática.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

### **2.1 TIPO E ABORDAGEM DE PESQUISA**

Esse estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica que abrange todas as fontes sobre a temática abordada aqui sobre autismo. O tema será pesquisado no banco nacional de teses e dissertações da capes, por meio do descritor autismo no título, restringindo a pesquisa às dissertações publicadas nos últimos cinco anos, ou seja de 2013-2017. Nesse sentido será pesquisado o que está sendo abordado sobre o tema autismo nesses últimos cinco anos e o que influenciou tais pesquisas para levantar o que tem de novo e atual abordado no contexto acadêmico educacional e que venha acrescentar ao leitor, pesquisador, professores e alunos no universo acadêmico.

É um tema extremamente relevante que levanta uma complexa e vasta reflexão voltada para uma temática de estudo de pessoas com autismo principalmente crianças, que é o maior referencial de estudo do autismo, são variados temas, todos com abordagem em um número maior de títulos de trabalhos realizados no mundo acadêmico cujo estudo é referenciado com crianças portadoras do TEA e suas complicações seja social, escolar ou familiar com histórico baseado no autismo infantil.

Segundo Gil (2002), “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Como o autismo vem sendo abordado na educação e o que os estudos mais recentes de 2013 a 2017 vem trazendo de novo voltado para esta temática que é complexa e ao mesmo tempo vasta de informações, traz um enfoque voltado para o leitor estudante, pais e profissionais cujo o interesse é obter informações sobre autismo e que possa acrescentar novos conhecimentos a partir desta pesquisa.

Segundo Lakatos (2007:185), a pesquisa bibliográfica “ abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde de publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografia, teses, material etc. Sob um enfoque do que está sendo abordado nos dias atuais levando a conclusões inovadoras esta pesquisa é de caráter qualitativa e exploratória.

## 2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Na presente pesquisa teve como instrumento de coleta de dados o site da BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, como fonte principal de consulta com base nos dados informados apartir da palavra autismo no titulo das dissertações publicada entre 2013 a 2017 dos programas de pós graduação em educação.

## 2.3 ROTEIRO PARA PESQUISA

### OBSERVAÇÕES:

1. Títulos contendo como palavra chave autismo
2. Ano de publicação 2013 a 2017
3. Tipo e localização de instituição através das universidades na qual seus programas de pós graduação tiveram dissertações publicada com o tema autismo em seu titulo nos últimos cinco anos.

### 4. Analise dos Resumos

Analisando os resumos foi verificado que o autismo infantil e educação a educação inclusiva é o foco central dos conteúdos categorizado nos estudos correlacionando com a educação e suas especificações nos programas de pós graduação em educação.

### **3 AUTISMO: REVISÃO LITERÁRIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Em acesso aos sites de domínio públicos como CAPES, Google acadêmico, Scielo buscando pelo tema autismo em dissertações na área da educação foi encontrado trabalhos cujo o tema abordava as características do autismo, sinais e sintomas, terapias e intervenções, inclusão escolar, ensino e aprendizagem, relação autismo famílias e socialização. Todos esses temas ajudam exemplificar de uma maneira clara e objetiva no mundo acadêmico como identificar que uma criança é portadora do TEA transtorno do espectro autista, trazendo assim um nível de informação tanto para leitores leigos no assunto como para estudantes acadêmicos facilitando trocas de informações e respondendo perguntas daqueles que buscam dentro deste contexto acadêmico resposta para suprir suas dúvidas.

No que se refere ao tema tão complexo que é o autismo. Existem varias especulações sobre a origem do autismo, mas nenhuma conclusiva para identificar sua causa e origem. A maioria das literaturas iniciam sempre com a abordagem de como identificar o autismo, suas características e com enfoque ao autismo infantil; poucos abordam o autismo na adolescência e na vida adulta. Transtornos do Espectro Autista (TEA) compreendem uma série de condições fenotípicas que tem em comum alterações do desenvolvimento da sociabilidade, da comunicação e um padrão de interesses restritos, incluindo comportamentos repetitivos ou estereotipados.

O conceito de espectro autista foi introduzido na década de 80, pela autora inglesa Lorna Wing, abrangendo os quadros do autismo, da síndrome de Asperger e os transtornos globais do desenvolvimento sem outra especificação que compõem o capítulo dos transtornos globais do desenvolvimento do manual de classificação de doenças mentais da academia americana de psiquiatria.

Essa proposta visionária parece ter antecipado, ou influenciado, o avanço do conhecimento, uma vez que os projetos de classificações para o DSM-V (a 5a revisão do manual americano de classificação), e o CID-XI (a 11a revisão do código internacional de doenças), a serem publicados a partir de 2013, prevêem a abolição do subcapítulo transtornos globais do desenvolvimento com suas categorias diagnosticadas (autismo, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação) e a adoção de apenas uma condição; os transtornos do espectro autista (BRUNONI, MERCADANTE,

SCHWARTZMAN 2014). Mesmo com uma vasta publicação sobre o tema ainda existem questões obscuras sobre o autismo.

O indivíduo portador do TEA é classificado em nível de grau da severidade do autismo leve, moderado e grave, mas todos classificados como dentro do TEA independente do seu grau de autismo. Seus primeiros sintomas podem ser observados nos primeiros anos de vida pelos familiares ou pelos profissionais da educação, no qual são os primeiros a fazer contato com crianças autistas, até chegar a um diagnóstico é um longo caminho de especulações, dúvidas e por fim aceitação de que algo pode estar errado com aquela criança.

Em relação à educação, as práticas atualmente reconhecidas e realizadas com autistas atuam sob um enfoque comportamental, estruturado a partir dos sintomas apresentados pelo autista e suas peculiaridades, pois cada autista tem suas habilidades peculiares e suas dificuldades principalmente no que trata da educação no ensino e aprendizagem, muitos autistas nos anos iniciais de vida quando inicia seu período escolar consegue frequentar a escola mesmo já tendo alguns fatos relatados pelos familiares sobre suas dificuldades, que muitas das vezes já está identificada por familiares mesmo sem saber colocar ao certo do que se trata.

Uma das principais queixas é ausência da fala parcial ou completa em idade que a criança já deveria se comunicar completamente ou parcialmente, porém acredita-se que em quanto não se tem diagnóstico e não se sabe a causa daqueles sintomas, a melhor maneira de ajudar a criança a desenvolver a fala é inserir na escola para que através do convívio social iniciar a ampliação da conversação e aumentar o seu vocabulário com a troca de contato e socialização com outras crianças.

O processo que os pais vivenciam quando recebem o diagnóstico de TEA é descrito na literatura como influenciando significativamente na estrutura familiar (SCHMIDT, 2012). A partir da orientação dos profissionais, os pais tendem a buscar informações sobre o autismo, assim como intervenções e tratamentos existentes para os seus filhos. A elaboração parental do diagnóstico segundo Bosa e Semensato (2013, p.652) “passa pela interpretação que o casal de pais atribui e constrói acerca deste diagnóstico do filho”, podendo incluir suas crenças acerca dos profissionais que participam deste processo do diagnóstico, assim como também os que participam das terapias e intervenções que a criança venha a fazer, sejam elas clínicas, educacionais ou da saúde (OLIVEIRA 2016). Após a intervenção terapêutica e de posse do diagnóstico

da criança portadora do autismo que será possível trabalhar o comportamento da criança e sua compreensão cognitiva. Esse processo organizacional é necessário para que o indivíduo autista possa compreender os comandos seja na escola ou em casa e assim desenvolver suas habilidades com sucesso seja nas atividades de vida diária ou no âmbito educacional.

### 3.1 ESCOLARIZAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM DO AUTISTA

Segundo especialistas, a Pedagogia compreende isso perfeitamente, aluno com transtorno do espectro autista é capaz de aprender, embora pessoas de modo geral não tenham consciência disso. Essa é uma das questões que enfatizamos aqui. O processo de ensino-aprendizagem escolar norteia a construção da atuação do pedagogo frente as suas práticas pedagógicas. É uma construção dialógica e não imperativa que segue junto ao desenvolvimento do aprendente autista. Como afirma Bourdieu (1997, p. 15), as contribuições de uma reflexão, que veio mediada por uma pesquisa, por uma prática. De fato, nasceu de ideias pedagógicas aplicadas ao ofício do professor, em sala de aula, na escola.

Faz-se necessário proporcionar às crianças com autismo oportunidade de conviver com outras crianças da mesma faixa etária possibilitando o estímulo das suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito as singularidades de cada criança. As crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil (CAMARGO, 2009).

A convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, torna possível os contatos sociais e favorece não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas crianças convivam e aprendam com as diferenças. No entanto, conforme Silva (2009, apud Baptista, 2002) a possibilidade de inclusão de crianças deficientes lamentavelmente ainda esta associada aquelas que não implicam uma forte reestruturação e adaptação da escola. Nesse sentido,

crianças com prejuízos e déficits cognitivos acentuados, como psicóticos e autistas, não são consideradas em suas habilidades educativas.

Silva (2009) aponta a necessidade de orientação aos professores, pois é a falta de conhecimento a respeito dos transtornos autísticos que o impede de identificar corretamente as necessidades de seus alunos com autismo. Na medida que o aluno com autismo é visto somente sob o ângulo de suas limitações a crença na sua educabilidade de desenvolvimento estará associada a impossibilidade de permanência desse sujeito em espaços como o ensino comum.

Como ressalta Mendes (2006), a história da educação inclusiva nos remete a questionamentos acerca da melhor forma de educar nossos alunos. Não existe uma resposta pronta, as idéias vão desde a inclusão total nas escolas regulares ao ideário da educação pela diversidade, com apoio das instituições especializadas. No Brasil, percebe-se que crianças e adolescentes com comprometimentos mais brandos são corriqueiramente em escolas regulares, por vezes, ainda dentro da concepção de interação. Tal situação reforça a grandeza do papel inclusivo da escola e professores principalmente os pedagogos no qual tem os primeiros contatos com crianças autistas nas series iniciais na escola.

#### **4 AUTISMO E A ABORDAGEM DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SUAS PUBLICAÇÕES DA BDTD**

A pesquisa foi realizada a partir da palavra autismo no título das dissertações no qual chegou ao número de 245 publicações que contemplam diversas áreas que entre esse período dos últimos cinco anos abordou o autismo no título dos seus trabalhos, após chegar nesse número de 245 foi realizada uma nova pesquisa refinando os dados informados no site da BDTD para chegar ao intuito e finalidade do que buscamos dentro desta pesquisa, que é como o autismo tem sido abordado nos programas de pós graduação em educação nas publicações de dissertações da BDTD.

Apartir desta pesquisa realizada no site da BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações com a busca pela palavra chave AUTISMO no título das dissertações verificando o período de publicação entre 2013 a 2017 obteve um resultado dentro desse período de 245 publicações que contempla diversas áreas que abordou esse tema em seu título de trabalho, a partir desse número em uma análise geral podemos identificar que o autismo vem sendo explorado de uma forma ampla no universo acadêmico. É notório que é um vasto campo com conteúdo complexo e que pode levantar diversas discussões em torno desse tema de extrema relevância. Dentro desse quadro de universidades na qual os programas de pós-graduação obteve com seus alunos estudos abordando o autismo como seu eixo principal de pesquisa, temos uma relação de 21 universidades participando dessa temática correlacionando o autismo com:

- ✓ Atenção conjunta
- ✓ Docentes
- ✓ Multimodalidade
- ✓ Mães
- ✓ Método TEACCH

Quem lidera o topo da lista de universidades no qual os programas de pós graduação trabalhou o tema autismo e a USP- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO com 32 publicações e em segundo lugar está a UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, a UFPB- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA aparece em décimo primeiro na lista de 21 universidades com trabalhos realizados com o tema autismo no programa de pós-graduação. Esses números representam o autismo abordado em diversas áreas de estudo que não está ligada apenas a educação.

#### 4.1 ESTUDO DO AUTISMO NOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O tema autismo como fonte de pesquisa abordado nas dissertações tem levantado diversas discussões em torno dessa temática, o qual direciona as pesquisas e aprofunda os conteúdos estudados nos programas de pós graduação em educação.

Uma pesquisa realizada no site da BDTD nas dissertações publicadas nos últimos cinco anos, e que em seu título têm autismo como palavra chave mostrou através de números a intensidade que o autismo vem sendo representado nos estudos acadêmico e em que proporção esses conteúdo correlacionado ao autismo e educação vem sendo explorado na literatura científica no campo acadêmico, voltado para a educação.

Os números aqui especificado estão diretamente ligado aos programas de pós graduação em educação e que categoriza o autismo como objeto de estudo , mediante resultado desta busca no BDTD temos os seguintes dados que representa um total de 25 publicações voltadas apenas para autismo, essa filtragem foi mas direcionada, uma busca refinada do tema voltado só para pós graduação na área de educação.

Cujo o tema do titulo dos trabalhos de dissertações foi autismo e que embasa esse estudo, no período de 2013 a 2017 foram publicadas 25 dissertações sobre autismo nos programas de pós graduação em educação em um prazo de 5 anos dando um total de 05 publicações com o tema autismo em cada ano nos últimos cinco anos, as universidades cujo os programas de pós graduação em educação abordaram o tema autismo, se destacadas com os números de suas publicações entre esse período de 2013 a 2107 são:

UFSM	18 publicações
UFRGS	3 publicações
UERJ	1 publicação
UFRN	1 publicação
UFES	1 publicação
UNIOESTE	1 publicação

FONTE: BDTD,2017

Suas discussões sobre autismo subsidiarão temas voltado para educação e autismo e gerarão produções acadêmicas dentro da pós graduação em educação no qual os temas que categorizou seus conteúdos foram:

FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA A ATUAÇÃO EDUCACIONAL COM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. Data da defesa 2015, pela UFSM.

PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO: IMPLICAÇÕES NO TRABALHO COLABORATIVO PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO. Data da defesa 2016, pela UFSM.

ENVOLVIMENTO PARENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DE ALUNOS COM AUTISMO. Data da defesa 2014, pela UFMS.

ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A CONCEPÇÃO DO EDUCADOR NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA. Data da defesa 2016, pela UFMS.

INTERVENÇÃO CENTRADA NA FAMÍLIA: INFLUÊNCIA NAS HABILIDADES COMUNICATIVAS E INTERATIVAS DA CRIANÇA COM TRASNTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E NO EMPODERAMENTO PARENTAL. Data da defesa 2016, pela UFMS.

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA PRESPECTIVA DE SEUS PROFESSORES. Data da defesa 2014, pela UFMS.

A COMUNICAÇÃO CASA ESCOLA NO CONTEXTO DA INCLUSÃO DE PESSOAS COM TEA. Data da defesa 2016, pela UFMS.

RELAÇÕES FAMILIARES E A ESCOLARIZAÇÃO DE IRMÃOS ADOLESCENTES DE PESSOAS COM TEA. Data da defesa 2015, pela UFMS.

ENVOLVIMENTO PARENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DE ALUNOS COM AUTISMO. Data de defesa 2014, pela UFMS.

A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM MUNICÍPIOS DA 4 COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO

ITALIANA, RS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. Data de Defesa 2014, pela UFMS.

POR TRÁS DO ESPELHO DE ALICE : NARRATIVAS VISUAIS DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. Data de defesa 2015, pela UFRGS.

A INTENCIONALIDADE DE COMUNICAÇÃO MEDIADA EM AUTISMO : UM ESTUDO DE AQUISIÇÃO DE GESTOS NO SISTEMA SCALA. Data de defesa 2013, pela UFRGS.

SISTEMA SCALA E DEFICIÊNCIA MOTORA : CONTRIBUIÇÕES NA INCLUSÃO DE UMA ALUNA COM PARALISIA CEREBRAL NA REDE REGULAR DE ENSINO. Data de defesa 2014, pela UFRGS.

A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO COM DISTÚRBIOS NA COMUNICAÇÃO. Data de defesa 2014, pela UERJ.

AVALIAÇÃO ESCOLAR DE ALUNOS AUTISTAS: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE BELÉM – PARÁ. Data de defesa 2015, pela UFPA.

ANÁLISE DOS EFEITOS DE UM PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E FUNCIONAL DE UM ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. Data da defesa 2014, pela UFRN.

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL NA CRIANÇA COM AUTISMO NO ESPAÇO EDUCATIVO: UM ESTUDO EMPÍRICO BIBLIOGRÁFICO À LUZ DA PSICANÁLISE, Data de defesa 2017, pela UNIOESTE.

Tais temas acima relatados se deu como objetos de estudo nos programas de pós graduação em educação na qual esses eixos temáticos que tem levantado as discussões e tem se desenhado nos programas de pós graduação nos últimos cinco anos. Dentro desse contexto acadêmico as palavras chaves depois de autismo para desencadear o desenvolvimentos dos trabalhos desenvolvidos correlacionado ao

autismo e educação são: educação especial, educação infantil, envolvimento parental, series iniciais e educação inclusiva.

#### 4.2 ANALISE DO PERÍODO DE PUBLICAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES COM O TITULO AUTISMO COMO PALAVRA CHAVE DA BDTD

Analisando os dados informado pela BDTD da pesquisa em relação as universidades com programa de pós graduação em educação e suas publicações de dissertações com o titulo autismo como palavra chave, chegou ao resultado total de vinte cinco trabalhos publicados com o tema autismo no titulo como palavra chave, desenvolvido nos últimos cinco anos entre 2013 a 2017 nos programas de pós graduação em educação. Em 2013 as publicações de trabalhos com tema autismo dentro dos programas de pós graduações em educação decaíram com apenas duas dissertações publicadas segundo dados informados pela BDTD, nos quais abordaram o autismo em seus títulos de trabalhos, voltando a ter um crescimento das publicações no ano de 2014 com nove publicações em 2016 com oito publicações ficando em um patamar de diferença do ano de 2014 para 2016 de apenas uma publicação.

#### Repositório

Ordenar  Contagem de resultados  Ordem alfabética

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do UFSM	9
Repositório Institucional da UFSM	9
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS	3
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ	1
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do UNIOESTE	1
Repositório Institucional da UFES	1
Repositório Institucional da UFRN	1

Fonte: <http://bdtb.ibict.br>

Publicações por periodo de 2013 a 2017 no BDTD	
ANO	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES
2013	02
2014	09
2015	04
2016	09

FONTE: BDTD,2017

O maior número de estudo sobre autismo e suas publicações se deu entre 2014 e 2016 no qual a temática foi maior desenvolvida e explorada dentro dos programas de pós graduação em educação. As discussões sobre autismo se deu apartir da formação dos professores para atuar com crianças autistas, a forma de ensino e aprendizagem do autista apartir das series iniciais da educação infantil, o envolvimento parental ou seja familiar para colaborar no desenvolvimento educacional do portador do TEA e a educação e inclusão. Apartir desses eixos temáticos identificamos como o autismo tem sido abordado nas dissertações dos programas de pós graduação em educação nos últimos cinco anos de 2013 a 2017.

#### 4.3 AUTISMO E SUAS CARACTERISTICAS

Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), antes de se falar em autismo, há um termo denominado Transtornos Globais de Desenvolvimento, que indicam algumas características relacionadas ao autismo, como por exemplo, dificuldades de se socializar, atraso de linguagem e comunicação e também comportamentos agressivos. Toda criança ou indivíduo que se englobe neste conceito passa por um comprometimento intelectual que, por sua vez, compromete seu desenvolvimento e evolução nas esferas social e acadêmica. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente Autismo é um assunto complexo, e necessita de uma análise particular em cada criança e/ou pessoa (Angell Scrapshow 2012). No entanto, há aspectos básicos para que se possa compreender de forma clara este conceito. Afinal, o que caracteriza o autismo? Qual sua definição? É o que veremos a seguir.

#### 4.4 AUTISMO: alguns entendimentos válidos

Podemos definir o autismo como uma síndrome comportamental que apresenta sintomas básicos como:

- Dificuldade de interação social;
- Déficit de comunicação social, tanto quantitativo quanto qualitativo;
- Padrões inadequados de comportamento que não possuem finalidade social.

Ao identificarmos estas 3 características básicas é possível definir e diagnosticar o autismo.

A palavra foi utilizada primeiramente pelo pesquisador Bleuler, em 1911, significando a perda de contato com a realidade. O termo refere-se às crianças pesquisadas, que viviam num mundo próprio, dentro de si mesmas, daí a raiz “auto” (voltado para si próprio). Posteriormente, Kanner publica os primeiros artigos, apontando a questão do autismo presente em 11 crianças, no ano de 1943. No ano seguinte, Asperger publica estudos onde as crianças com autismo apresentavam certa desenvoltura cognitiva e inteligência normal. Nos dias atuais, a comunidade médica observa o autismo com maior complexidade, com múltiplas etiologias com graus variáveis.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado em 3 graus atualmente: autismo leve, autismo moderado, autismo severo.

Embora inúmeras pesquisas ainda venham sendo desenvolvidas para definirmos o que seja o autismo, desde a primeira descrição feita por Kanner em 1943 existe um consenso em torno do entendimento de que o que caracteriza o autismo são aspectos observáveis que indicam déficits na comunicação e na interação social, além de comportamentos repetitivos e áreas restritas de interesse.

Essas características estão presentes antes dos 3 anos de idade, e atingem 0,6% da população, sendo quatro vezes mais comuns em meninos do que em meninas. A noção de espectro do autismo foi descrita por Lorna Wing em 1988, e sugere que as características do autismo variam de acordo com o desenvolvimento cognitivo; assim, em um extremo temos os quadros de autismo associados à deficiência intelectual grave, sem o desenvolvimento da linguagem, com padrões repetitivos simples e bem marcados de comportamento e déficit importante na interação social, e no extremo oposto, quadros de autismo, chamados de Síndrome de Asperger, sem deficiência intelectual, sem atraso significativo na linguagem, com interação social peculiar e bizarra, e sem movimentos repetitivos tão evidentes.

Segundo a Associação Americana de autismo (ASA, 1978) os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro, verificados pela anamnese ou presentes no exame ou entrevista com o indivíduo ( Angell Scrapshow 2012). Incluem:

1. Distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e lingüísticas.
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo.
3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar, presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de idéias. Uso de palavras sem associação com o significado.
4. Relacionamento anormal com os objetivos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos e crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida.

Além desses sintomas acima citados, os autistas podem apresentar agressividade, auto-agressão, agitação, irritabilidade, déficits de atenção e controle motor, temor excessivo a objetos inofensivos ou ausência de medo em resposta a perigos reais e transtornos de humor e afetivos.

"Quanto mais precoce o diagnóstico e o tratamento, maiores são as chances de desenvolvimento do paciente", explicam especialistas da área. Durante o evento realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no início de 2012, pesquisadores e profissionais da área da saúde apresentaram novas formas de diagnósticos e tratamento de distúrbios autistas e reforçaram a importância da atualização dos profissionais brasileiros em relação aos novos métodos.

Outro ponto também discutido durante esse evento está relacionado ao comportamento do paciente. Segundo o psicólogo Brian Iwata, pesquisador da Universidade da Flórida (EUA), estudos mostram que o comportamento auto-agressivo do paciente tem função específica, pois pode ser uma forma de ele se relacionar com outras pessoas, por exemplo. Alguns pacientes mordem, chutam, batem a cabeça, como forma de mostrar que estão com sede, fome, alegres ou tristes... Por isso é importante identificar esses comportamentos e tentar entendê-los, permitindo assim substituir comportamentos agressivos por uma linguagem não verbal mais saudável.

#### 4.5 CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA AUTISTA COMO IDENTIFICAR

Algumas características devem ser observadas nas crianças dentro do Espectro Autista tanto no ambiente escolar como em casa.

- ✓ Não mantém contato visual
- ✓ Resistente a contato físico
- ✓ Acentuada hiperatividade
- ✓ Resistente ao aprendizado
- ✓ Apresenta risos e movimentos inapropriados
- ✓ As vezes é agressivo e destrutivo
- ✓ Não demonstra medo de perigos
- ✓ Gira objetos de maneira bizarra e peculiar
- ✓ Não se mistura com outras crianças
- ✓ Apresenta comportamento indiferente e arredoio
- ✓ Age como se fosse surdo
- ✓ Usa as pessoas como ferramenta
- ✓ Resistente a mudança de rotina
- ✓ Apresenta apego não apropriado a objetos

Fonte: universoautista.com.br

Figura 1: Comportamento autista



Fonte: [universoautismo.blogspot.com.br](http://universoautismo.blogspot.com.br)

## 5 AUTISMO: FAMÍLIA E SUAS RELAÇÕES

As crianças acometidas do transtorno do espectro autista freqüentam tanto escola pública como escolas particulares, mesmo que estas escolas sejam chamadas de inclusiva; ainda é grande o nível de dificuldade encontrado entre professores, escolas, pais e alunos, devido aos níveis de autismo, que são uns mais severos que outros, tendo crianças verbais e não verbais, ou seja, alguns têm algum nível de comunicação outras não emitem nenhum som que expresse uma forma de comunicação. Já outras falam não tanto como uma criança dita normal, mas se expressa melhor levando a ser compreendida em sua comunicação verbal e social. É necessário firmar uma parceria entre a família e a escola, pois os dois têm um papel crucial nesta caminhada para o desenvolvimento do autista (CUNHA, 2013).

A maneira como uma criança autista é acompanhada por seus familiares faz toda diferença em seu desenvolvimento cognitivo, pois ele precisa de ajuda para fazer pequenas coisas da vida diária, e obtendo esta ajuda em conjunto tanto da família como de uma equipe multidisciplinar formada por diversos profissionais incluindo o pedagogo, isso vai fazer uma enorme diferença ao longo da vida de qualquer criança acometida pelo autismo. A forma como uma criança brinca ou desenha reflete sua forma de pensar e sentir, nos mostrando quando temos olhos para ver, como está se organizando frente á realidade, construindo sua historia de vida, conseguindo interagir com as pessoas e situações.

Quando se amplia a realidade interna da criança mais ela tem necessidade de uma organização interna, ágil e coerente, a fim de arquivar suas experiências vivenciadas e assim reproduzir da situação vivida algum aprendizado. Quando a criança não tem possibilidade de ação ela enrijece sua estruturação mental, não desenvolvendo conexões internas, ágeis e funcionais, por isso é tão importante manter esse contato do autista com o mundo externo, e com tudo que acontece e está em volta dele, para que ele vá absorvendo e arquivando internamente suas imagens, e externar através do seu comportamento, o que lhe agrada e o que o desagrada. Para superar essas dificuldades de comportamento podemos fazer uso das técnicas mencionadas no texto abaixo:

As técnicas de modificação de comportamento em crianças autistas utilizam estímulos positivos (um elogio ou um alimento), para induzir melhoras. São relatados vários sucessos, mas as melhoras obtidas são

limitadas ao período de treino e a generalização não é tão ampla quanto à desejada. Assim como a psicoterapia, a técnica de modificação de comportamento é apropriada para crianças com sintomas específicos e determinado nível de certos comportamentos indesejáveis e pode tornar mais fácil lidar com a criança, e isto, sem dúvida vale à pena, porém, deve-se enfatizar que uma criança ao se tornar mais manejável não se torna menos autista (COELHO; SANTO, 2006).

O autista quando contrariado na maioria das vezes tem crises de birras, e às vezes chega a ser agressivo ou se agride, estes tipos de comportamentos precisam ser eliminados ou diminuídos na medida do possível, ignorando o mau comportamento, e reforçando o bom comportamento dando ao autista algo que ele goste, através da recompensa ele terá a percepção que se ele fizer determinado comportamento que seja positivo ele terá uma recompensa, e assim direcionando ele para atividades que ele pode fazer, ele irá iniciar um processo de aprendizagem do que pode e o que não pode, e assim modificando seu comportamento de negativo para positivo.

## 5.1 APRENDIZADO DO ALUNO AUTISTA

De acordo com Vygotski (1997) citado por Mattos; Nuernberg (2010, p.130) “A inclusão nos contextos educacionais requer uma intervenção pedagógica que enfatize a mediação semiótica na relação com o educando com deficiência”, de modo que ele possa se apropriar do universo cultural, por meio dos processos de significação ali entabulados (NUERNBERG, 2008).

Nesse sentido, é possível discutir que o direito ao acesso ao conhecimento é também o direito de desenvolver-se de forma integral e apropriar-se das condições que favorecem a participação social de forma ativa, desde a educação infantil até a vida social que é uma forma de aprendizagem favorecendo uma visão externa do mundo que está em volta do autista e que ele precisa se sentir aceito e inserido neste contexto seja educacional, social e familiar (MATTOS; NUERNBERG 2010, p.130).

Para isso o aluno autista precisa gostar do ambiente onde ele está inserido, e se sentir aceito pelas pessoas que está convivendo com ele naquele espaço, ou seja, na escola ou na sala de aula, precisa ser um ambiente agradável, sem muita poluição visual e sonora devido a sua sensibilidade ao barulho, são meios de superar suas dificuldades e proporcionar ao aluno autista um ambiente agradável onde ele possa explorar suas habilidades e superar as dificuldades. Segundo Kiguel (1987) Dentro desta perspectiva,

o diagnóstico pedagógico visa explicitar as condições de aprendizagem do autista, identificando suas áreas de habilidades e de dificuldades. Enquanto as primeiras são manejadas no âmbito da escola e da família, os problemas de aprendizagem são propriamente o objeto de conhecimento para o pedagogo. Para Maria Lucia L. Weiss (1991), apud Campos (2012, p. 212):

Cabe a escola conhecer o modelo de aprendizagem de cada aluno para poder ampliá-lo. A partir da análise dos aspectos orgânicos, cognitivos, afetivos, e sociais, a escola terá condições de identificar como o aluno pode aprender e como realmente aprende que recurso mobiliza o que já conhece e como se utiliza o que conhece, quais são seus interesses e motivações. Identificar o aluno através de seu modelo de aprendizagem significa compreender o que pode servir de entrave ou de reforço para a ação educativa; permite também discriminar dificuldades geradas na escola e aquelas que já acompanham a criança antes da fase escolar e para as quais a escola pode concorrer, ampliando-as ou colaborando na sua solução.

Em regra geral, as crianças autistas apresentam dificuldades ao nível da comunicação e da socialização. O ensino inclusivo na escola regular deverá estar preparado para que os alunos com autismo e, ou com necessidades educativas especiais possam desenvolver-se como cidadãos, assim como deve estar preparado para que estes possam adquirir novas competências. Infelizmente, e devido às carências existentes na grande maioria das escolas regulares, por vezes, surge a necessidade de recorrer aos estabelecimentos de ensino especial. Os professores reconhecem que aquele aluno “é diferente” sem que consigam apontar com clareza a natureza dessa diferença. Certo é que estes alunos podem ler com muita rapidez e correção sem, contudo compreender os conceitos simplíssimos num texto. As composições escritas são extremamente lacônicas, absolutamente factuais como se de um inventário se tratasse.

As operações matemáticas são realizadas com extrema rapidez e facilidade, mas o enunciado do problema não é compreendido. Pode-se definir como objetivos prioritários da intervenção: a promoção do desenvolvimento global do aluno e de competências específicas; informar e auxiliar os encarregados de educação a programar estratégias para melhor lidarem com o seu educando; informar/sensibilizar a escola e a comunidade em geral acerca das características destas crianças e jovens, no sentido de estabelecer parcerias que contribuam para a sua aprendizagem, adaptação e inclusão social.

Como tal é necessário que os professores, educadores e restante da comunidade educativa estejam preparados para trabalhar com este tipo de alunos. Seria imperioso

que se apostasse na formação e na sensibilização de toda a comunidade educativa e no aperfeiçoamento das escolas, ao nível de recursos materiais, espaciais e humanos, assim como seria importante que estes alunos beneficiassem de uma equipe multidisciplinar que englobasse: professores, educadores, psicólogos, terapeutas, educador/a social, entre outros – o trabalho desenvolvido por estes profissionais deve ser efetuado em equipe, ao nível da programação, aplicação e avaliação.

Para elevar o grau de sucesso o número de alunos por turma deveria ser reduzido, deveriam existir professores de apoio nas respectivas áreas ou disciplinas, a programação e a avaliação deveriam ser individuais no sentido de definir quais os comportamentos a modificar e quais as áreas a trabalhar, assim como para identificar melhor as aquisições de desenvolvimento cognitivo e as dificuldades. Deveria ser elaborado um plano de intervenção adequado ao aluno de forma a possibilitar um tratamento personalizado e específico, satisfazendo as capacidades e o ritmo de cada um já que um autista é diferente do outro, havendo o cuidado das sessões de trabalho serem curtas e o aluno ser encorajado na realização das atividades propostas.

Os conceitos a abordar devem ser repetidos várias vezes e sempre da mesma maneira para que o aluno autista possa fixar em sua mente o aprendizado ali ensinado por diversas vezes, contudo deve-se inovar e variar sempre que possível. Para que melhor se desenvolvam as capacidades do aluno, pode-se recorrer a áreas como: psicomotricidade, expressão musical, expressão dramática, informática, educação física, dança, expressão plástica, formação pessoal e social, atividades da vida diária, áreas vocacionais, entre outras... Estas áreas são importantes para auxiliar o aluno a desenvolver-se ao nível da expressão e socialização, para ultrapassar os comportamentos ritualistas e compulsivos, para elevar a auto-estima, assim como para proporcionar um desenvolvimento acadêmico equilibrado e harmonioso.

Qualquer professor, educador, técnico ou encarregado de educação necessitará de bastante paciência para trabalhar com um aluno autista, devendo aceitar e reconhecer as suas “limitações” e respeitar a “lentidão” dos seus progressos, por isso dever-se-á trabalhar com o autista por etapas. Também, o contato freqüente dos encarregados de educação com a escola é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, no sentido da sua participação ativa no contato e trabalho com a equipe multidisciplinar, de forma a obter informações acerca das evoluções e dificuldades do seu educando, conhecendo e colaborando em casa com o trabalho efetuado na escola. Deverão ser

desenvolvidas atividades em que a participação dos professores, educadores, técnicos e encarregados da educação seja uma realidade, trabalhando em conjunto no âmbito da socialização, da imitação, da motricidade, da linguagem, da coordenação, de forma a promover uma evolução significativa das capacidades do aluno. Existem autistas com mais habilidades do que outros e alguns são bastante inteligentes. É importante conhecer as aptidões e os interesses da criança, para aproveitá-los posteriormente, como instrumentos acadêmicos, de modo a superar ao máximo as suas dificuldades e explorar suas habilidades.

## 5.2 AUTISMO E PRÁTICAS DE INTERVENÇÕES

Devemos em primeiro lugar conhecer o aluno, estudar suas dificuldades e habilidades o que ele já traz de bagagem, ou seja, que já foi ensinado a ele e que ele conseguiu aprender. Segundo Visca (1991) citado por Andrade (2004, p. 19) “A ampliação no âmbito da pedagogia nos deu a possibilidade tanto de estudar o sujeito individual em profundidade, quanto de extrapolar estes conceitos para o macro sistema os quais antes não tinham sido pesquisados”.

Mediantes as dificuldades enfrentadas pelo o aluno e professor na escola, o professor se vê impossibilitado de ajudar esses alunos e acaba encaminhando para instituições. “Aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada”. (GOMES; 2007 apud MIRIAN, 2013). Para superar estas dificuldades que encontramos entre aluno e professor, é necessário deixar o aluno fazer no primeiro momento o que ele gosta, para que então ele através de seus movimentos e ações possa ser avaliado e neste momento identificar qual a melhor maneira de trabalhar com esse aluno. Segundo Bossa (2012, p. 7):

A prática pedagógica é um lugar privilegiado para se observar as relações entre estruturas cognitivas e simbólicas ao nível de desejo. Não há mais dúvidas sobre a necessidade das teorias que dão conta das estruturas cognitivas e afetivas conhecerem-se mutuamente. A esse respeito pode-se dizer que o desconhecimento dessas pode estar mais ligado a cisão constitutiva do sujeito entre conhecimento e desejo do que na pertinência das teorias para abordar o ser humano de forma integrada.

O ensino regular é o ambiente de aprendizagem, o espaço onde as pessoas com necessidades especiais possuem acesso ao currículo, possuindo assim o benefício da escolarização, desde que sejam respeitadas e valorizadas as suas diferenças. Os alunos devem receber o serviço de apoio especializado na escola em período extraclasse para auxiliá-los no processo de ensino aprendizagem. Para auxiliar tanto o aluno autista como qualquer outro aluno com dificuldades de aprendizagem.

O Atendimento Educacional Especializado, diferente do ensino regular deve abordar o desenvolvimento intelectual, deixando a posição passiva e automatizada para a aquisição ativa do próprio saber. Iniciar as atividades com o aluno autista partindo do ponto, do que ele gosta e traçar estratégias que o faça se comunicar e extrair dele o que ele conseguiu absorver, para que haja interesse em continuar fazendo as atividades que haja domínio. As atividades não devem ser muito longas, pois o autista tem dificuldade em manter o foco por muito tempo, iniciar com um determinado tempo e dependendo do resultado estabelecer um acréscimo para que ele consiga lidar com a permanência cada vez maior nas atividades, quando o autista gosta do que faz e está motivado o foco da mente torna-se mais fácil, tornando a oportunidade de acrescentar ganhos ao seu aprendizado.

Não ignorar os erros quando acontecer, e sim transformar em mudanças de descobrimento e saber, sempre que acontecer os acertos dá um reforço para o aluno autista parabenizando pela atividade desenvolvida com sucesso, é uma forma de motivá-lo a continuar se esforçando. Na escola, os jogos são propícios para a descoberta de limites e de valores sociais. Estimulam a linguagem pela interação, nos momentos quando os discentes discutem regras para brincadeiras.

Segundo Cunha (2013, p. 67) “ Vemos isso nos textos de Vygotsky, o brincar da criança projeta as atividades adultas da sua cultura que pressupõem seus futuros papéis e valores”. A autonomia inicia-se quando o estudante já sabe o que fazer. Reconhece o ambiente escolar, os materiais pedagógicos, os brinquedos e as atividades que deverá realizar. É necessário entender como o educando compreende nossa fala. A partir daí será possível criar exercícios, atividades, provocar situações estimulantes para sua socialização.

No autismo, é comum indivíduos com extremas limitações na linguagem. Será preciso criar mecanismo que facilitem a comunicação com eles, nestes casos podem ser

utilizados: cartões com imagens ou figuras, contatos sensoriais e músicas também podem contribuir para estabelecer esta comunicação. Conforme Nunes (2006, p.73):

Os cognitivistas entendem a mente como um conjunto de mecanismos de processamento de informação. Nossos sentidos são responsáveis pela captação dessa informação, introduzindo-a no sistema cognitivo, envolvendo a atenção, a memória, as emoções e a linguagem. Nunes apresenta os subsistemas cognitivos envolvidos no tratamento da informação, que podem ser assim: percepção, linguagem, memória, pensamento, inteligência, aprendizagem. Em situações de aprendizagem cotidiana faz-se necessária a articulação desses subsistemas.

Dentro dessa percepção é aconselhável criar uma agenda visual para que então possa auxiliar o autista nas suas atividades diárias, principalmente na escola onde ele vai prever, com a agenda visual, a seqüência do que ele vai fazer passo a passo, e assim aguçando seus subsistemas e aumentando sua percepção, contribuindo assim para o desenvolvimento cognitivo.

### 5.3 PLANEJAMENTO INDIVIDUAL DE ENSINO (PIE)

Com o planejamento individual será melhor para se trabalhar com o autista, porém suas atividades não devem ser tão diferentes dos demais alunos para que ele não se sinta excluído ou tratado com diferença em relação às atividades escolar dos demais alunos. Atividades dirigidas individuais ou em grupos, na mesa dos alunos ou não, de acordo com os objetivos planejados para cada aluno a partir do PIE (Planejamento Individual de Ensino) vai facilitar o ensino e aprendizagem para a criança autista conforme cita o texto abaixo:

A elaboração do PIE deverá seguir os seguintes passos: a observação da criança em situações livres e dirigidas constitui-se no primeiro passo para que o professor possa conhecê-la e iniciar seu vínculo com ela; a aplicação do roteiro de observação baseado na Escala de Desenvolvimento Portage possibilita obter-se o perfil do aluno no início do atendimento. A escala deverá ser reaplicada a cada ano, permitindo a reavaliação dos objetivos propostos e conseqüentemente a evolução do aluno sinalizado através de gráficos. A seleção dos objetivos a serem trabalhados respeita a seqüência evolutiva de aquisição delineada na Escala Portage, ou seja, orienta-se por uma gradação das dificuldades do aluno. As habilidades básicas são trabalhadas antes das mais elaboradas, devendo a criança manifestar em seu repertório condutas prévias, necessárias para chegar ao objetivo proposto. A elaboração do Planejamento Individual de

Ensino deverá levar em consideração os pontos fortes e fracos do aluno, selecionando-se estratégias adequadas e preservando-se a condição de um processo flexível e dinâmico. A metodologia deve ter como referência o concreto, o vivencial e o funcional. Inúmeras estratégias devem ser utilizadas para que um objetivo seja alcançado. Devem estar baseadas nos interesses da criança. O fato do autista aparentemente não demonstrar interesse pelo ambiente que o rodeia não significa necessariamente que esse interesse não exista (BEREOHFF, 1993, p. 17).

A forma que se pretende abordar o autista para despertar seu interesse e manter o foco nas atividades propostas é o que fará a diferença nesta troca de informação onde será necessário manter este aluno motivado a fazer o que está sendo proposto para ele. Para isso também temos que contar com o estado emocional que o aluno se encontra em determinados momentos, como é do conhecimento de quem convive com o autismo, em alguns dados momentos eles se mostram eufóricos, inquietos, onde os movimentos estereotipados estão mais visíveis devido seu estado emocional, isso pode ocorrer em qualquer momento dependendo do que ele vivenciou até chegar ao ambiente escolar.

#### 5.4 VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM AUTISMO

A verdadeira aprendizagem ou rendimento escolar consiste na soma de transformações operadas no aluno, com relação à forma de pensamento, linguagem técnica, maneira de agir, atitudes, idéias e preferências, face às situações e problemas do conteúdo ensinado e absorvido pelo aluno autista. Segundo Kiguel, citado por Campos (2012, p.212):

Dentro desta perspectiva, a avaliação visa explicita o que o aluno aprendeu e suas condições de aprendizado, identificando suas áreas de competência de dificuldades Para Maria Lucia L. Weiss (1991:8), cabe a escola conhecer o modelo de aprendizagem de cada aluno para poder ampliá-lo ou reformulá-ló. Partindo da análise dos aspectos orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais a escola terá condições de identificar como o aluno pode aprender e como realmente aprende que recurso mobiliza o que já conhece, quais são seus interesses e motivações. Identificar o aluno através do seu modelo de aprendizagem significa compreender o que pode servir de entrave ou de reforço para a ação educativa; permite também discriminar dificuldades geradas na escola e aquelas que já acompanham a criança antes da fase escolar e para as quais a escola pode concorrer, ampliando-as ou colaborando na sua solução.

Um processo de avaliação de problemas de aprendizagem busca estabelecer relações entre o eixo do presente e o eixo do passado; vivido no real e do vivido no simbólico do inconsciente; do normal e do patológico. “Das dificuldades em estabelecer claramente estas relações decorre para o profissional uma angústia e um tempo de espera que Fernández (1990) descreve como angústia de não saber, de ter que esperar para aprender” (CAMPOS, 2012, p. 218).

Cada caso tem sua própria e única articulação e alcance - lá exige integração de conhecimentos teóricos de varias áreas, aliada a uma sensibilidade de escuta. Os efeitos da aprendizagem podem ser medidos em diferentes momentos, traduzindo-se os resultados em forma de gráficos, facilmente inteligíveis, as curvas de aprendizagem. Uma curva mostra níveis dos resultados obtidos na aprendizagem e o aumento de eficiência alcançado durante varias etapas de treinamento seja na parte pedagógica na vida escolar ou nos treinamentos da vida diária e social.

Quando um autista absorve aquilo que foi ensinado para ele, facilmente ele repete a ação sem apoio deixando claro que ele já pode avançar para outra etapa, pois aquela ele já domina facilmente. A parte mais difícil para o autista mostrar ganhos de aprendizado é a escrita devido às dificuldades que muitos têm na coordenação motora, entretanto mesmo que os avanços sejam poucos e lentos na parte escrita podem avaliar como positivos partindo do ponto de vista que passar para o papel o que ele entendeu é mais difícil de que fazê-lo falar algo, ou identificar por imagem um determinado elemento.

## 5.5 PROGRAMAS COGNITIVOS COMPORTAMENTAIS PEDAGÓGICOS ESPECIALIZADOS

Existem alguns programas cognitivos comportamentais e pedagógicos especializados para autistas, como eles são pensadores visuais. Seguem uma seqüência de raciocínio.

Pensamento Concreto	Transformam imagens em objetos mentais.	Formação de conceitos
---------------------	---	-----------------------

TEACCH ( Tratamento e educação para autista e crianças com distúrbios correlatos da comunicação). Esse método foi desenvolvido nos anos 60 no departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Carolina do Norte, tendo

como idealizador o Dr. Eric Schopler ( Shopler, Mesibov, Hearsey, 1995) e é atualmente utilizado em varias partes do mundo. È um método de trabalho que se baseia na organização do ambiente por meio de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas. O método utiliza avaliações, levando em conta os pontos fortes e as maiores dificuldades do individuo, para traçar um programa individualizado.

O objetivo é adaptar o ambiente para o autista compreendê-lo e desenvolver sua independência. Propiciando um desenvolvimento adequado e compatível com as potencialidades de cada individuo autista conforme sua faixa ataria, e assim modificar positivamente comportamentos inadequados dessa forma facilitando o processo de aprendizagem. Alguns princípios básicos devem ser seguidos para que tenha sucesso na aplicação deste método são eles:

- ✓ Previsibilidade
- ✓ Rotinas
- ✓ Estrutura do ambiente
- ✓ Organização das salas
- ✓ Material adaptado ao currículo
- ✓ Uso de agendas visuais
- ✓ Instruções claras e objetivas
- ✓ Sinalização do ambiente
- ✓ Horários definidos
- ✓ Estratégias comportamentais
- ✓ Ensino por níveis de ajuda
- ✓ Analise e registros de tarefas
- ✓ Orientação familiar

Figura 02: Modelo do ambiente estruturado



Fonte: [www.naynneto.com.br](http://www.naynneto.com.br)

Figura 03: Método TEACCH



Fonte: [autismo.nutricao.inf.br](http://autismo.nutricao.inf.br)

Esse ambiente é dividido em quatro partes, estudar, trabalhar, descansar e agenda visual. De acordo com Mesibov (2005), as vantagens em usar uma agenda visual incluem:

- ✓ O uso do potencial visual promovendo a comunicação receptiva que facilita a compreensão
- ✓ Ajuda o indivíduo a aprender novas coisas aprimorando seus interesses
- ✓ Fornece ferramentas que permitem que a pessoa use suas habilidades em uma variedade de ambientes
- ✓ Aumenta a flexibilidade
- ✓ Ajuda o indivíduo a permanecer calmo e reduz comportamentos inadequados
- ✓ Ajuda o indivíduo a desenvolver independência favorecendo a auto-estima

Figura 04:



Fonte: [aeeufcanawilma2013ead.blogspot.com.br](http://aeeufcanawilma2013ead.blogspot.com.br)

ABA (Análise Aplicada do Comportamento), de acordo com o departamento de saúde do estado de Nova York, procedimentos derivados da análise do comportamento são essenciais em qualquer programa desenvolvido para o tratamento de indivíduos diagnosticados com autismo. Associação para a Ciência do Tratamento do Autismo dos Estados Unidos, afirma que ABA é o único tratamento que possui evidência científica suficiente para ser considerado eficaz.

Caracteriza-se por um ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que a criança possa adquirir independência e uma melhor qualidade de vida. As habilidades são ensinadas geralmente em uma situação de um aluno com um professor via apresentação de uma instrução ou dica, com o professor auxiliando a

criança através de uma hierarquia de ajuda chamada de aprendizagem sem erro. O princípio fundamental do ABA é baseado nas conseqüências favoráveis ou positivas através de ( reforços positivos), que pode ser social ou comestível. O objetivo é que, com o tempo, conseqüências naturais produzidas pelo próprio comportamento sejam suficientemente consistentes para manterem a criança aprendendo. O uso da análise Comportamental Aplicada é voltada para o autismo baseando-se em diversos passos:

- ✓ Avaliação inicial
- ✓ Definição de objetivos a serem alcançados
- ✓ Elaboração dos programas/procedimentos
- ✓ Ensino intensivo
- ✓ Avaliação do progresso

O tratamento comportamental caracteriza-se pela experimentação, registro e constante mudança. A lista de objetivos a serem alcançados é definida pelo profissional, juntamente com a família com base nas habilidades do indivíduo. Assim o envolvimento dos pais e de todas as pessoas que participam da vida da criança é fundamental durante todo processo. Durante a aplicação deste método é ensinado:

- ✓ Habilidades básicas
- ✓ Habilidades pré-acadêmicas
- ✓ Habilidades acadêmicas
- ✓ Habilidade de vida diária
- ✓ Habilidades sociais

PECS (Sistema de Comunicação pela Troca de Figuras), sabemos que os problemas com a comunicação são uma das maiores preocupações no caso do autismo, principalmente para o autista não verbal. Muitas crianças com autismo desenvolvem as habilidades de comunicação mais tarde que as outras crianças e também apresentam geralmente dificuldades imensas no desenvolvimento da fala. Para os pais é muito frustrante querer entender seu filho e não conseguir por ele não saber se expressar, sem saber o que a criança quer ou precisa, isso gera na criança comportamentos inadequados de birra por não conseguir transmitir a comunicação. Sabemos que a fala não é a única

forma de comunicação, quando não se tem nenhum problema de comunicação, podemos nos expressar mesmo antes de falar qualquer palavra.

O PECS foi desenvolvido nos EUA pelo psicólogo Andrew Bondy e pela fonoaudióloga Lori Frost. Eles viram que muitas crianças com autismo tinham dificuldade com imitação, principalmente a imitação verbal (imitar palavras) e mesmo aquelas que eram capazes de imitar, geralmente não usavam as palavras para se comunicar espontaneamente. Bondy e Frost queriam uma maneira de ajudar as crianças com autismo a se comunicar de uma forma funcionalmente fácil e socialmente aceitável. E também fazer uma forma que fosse fácil para os pais e outras pessoas aprenderem e entenderem, dando a criança a possibilidade de se tornar mais integrada socialmente e ao mesmo tempo mais independente. O sistema de PECS pode ser utilizado em conjunto com qualquer método terapêutico, como ABA, Floortime, TEACCH.

O PECS foi originalmente desenvolvido para crianças do espectro autista em idade pré-escolar, mas esta atualmente sendo usada por crianças e adultos com transtorno do espectro do autismo e outros diagnósticos que apresentam dificuldade com a fala e a comunicação.

O PECS é dividido em seis fases:

- 1) Fazer pedidos através de figuras pelos itens desejados
- 2) Ir até a tábua de comunicação, apanhar uma figura, ir a um adulto e entregá-la em sua mão
- 3) Discriminar entre as figuras
- 4) Solicitar itens utilizando varias palavras em frases simples, fixadas na tábua de comunicação
- 5) Responder a pergunta o que você quer
- 6) Emitir comentários espontâneos (BONDY;FROST,2001)

O PECS possibilita a criança expressar suas necessidades e desejos de uma maneira muito fácil de entender. Muitas crianças que começaram a utilizar o PECS também desenvolvem a fala como um efeito colateral, claro que é efeito colateral muito agradável.

Figura 05: Modelo de Prancha



Fonte: [diariomaedeumautista.blogspot.com.br](http://diariomaedeumautista.blogspot.com.br)

Figura 06: Modelo de Prancha



Fonte: [movimentoescolainclusiva.blogspot.com.br](http://movimentoescolainclusiva.blogspot.com.br)

Figura 07: Modelo de seqüências:



Fonte: <http://autismoprojetointegrar.com.br/>

## 5.6 INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

O processo de inclusão vai além de preencher uma ficha de matrícula e o aluno portador de necessidades especiais ocupar uma cadeira na sala de aula. Mesmo com leis que rege a inclusão e sendo um direito do aluno está em escola regular com direito ao cuidador para suprir os cuidados que o aluno com autismo ou outro tipo de deficiência necessita ainda encontramos dificuldades para inserir os alunos em escolas públicas e privadas. Conforme cita Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência:

O Brasil avançou muito nos últimos anos para ampliar os direitos das pessoas com deficiência. Em 2008, ratificou com status de emenda constitucional a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pelas Nações Unidas, e seu Protocolo Facultativo, utilizando pela primeira vez o §3º do artigo 5º do texto Constitucional. Na prática, é como se Constituição Federal tivesse um capítulo inteiro dedicado às pessoas com deficiência. Foi o primeiro tratado internacional recepcionado pelo nosso país nessa condição (CAVALCANTE 2016).

Mesmo com esses avanços o cenário ainda é muito precário seja para intervenções terapêuticas para a pessoa com deficiência ou para inserção no âmbito educacional. Por mais que as leis estejam no papel e tenham conhecimento que elas existem para garantir os direitos do portador da deficiência física ou mental ainda nos deparamos com direitos negados, no que se refere a educação, as escolas públicas aceitam os alunos incluem na sala de aula mas existem fatores que não colaboram para essa criança evoluir.

No ensino e aprendizagem da criança autista por exemplo, as tarefas são iguais as dos demais alunos porém adaptadas. O professor por sua vez as vezes não consegue desenvolver essa forma de ensino por ter um número grande de alunos em sala, e o cuidador da criança autista só está acompanhado o aluno para auxiliar nas suas necessidades fisiológicas e cuidar da integridade física para que ele não venha se machucar ou até mesmo ser agredido por alguém verbalmente ou fisicamente já que não

sabe se defender devido sua deficiência intelectual. O despreparo dos atuantes com pessoas autistas e a falta de conhecimento de como trabalhar o processo de ensino da pessoa portadora do autismo ainda é uma grande barreira na evolução da aprendizagem no âmbito educacional.

A escola pública ainda tem esse ponto positivo do cuidador entretanto essa atuação precisa ser vista, esse profissional poderia ampliar suas atividades na escola junto com professor para auxiliar no desenvolvimento educacional do autista. Quando partimos para escola particular nos deparamos com problemas bem maiores, que vai da recusa do aluno, a cobrança de valores adicionais que não faz parte da mensalidade, professores despreparados para adaptar atividades e livros para o aluno autista, falta engajamento pela causa autista no que diz respeito a desenvolver o aluno autista no que se refere a sua compreensão cognitiva.

São inúmeros fatores que contribuem negativamente para que o portador do espectro autista venha superar suas dificuldades de aprender e avançar com o conhecimento concreto dentro do contexto educacional.

Por outro lado temos também uma grande fatia desta tarefa que pertence a família e as terapias com equipe multidisciplinar que é uma necessidade para portador do transtorno do espectro autista, sem esse auxilio fica praticamente impossível dele conseguir realizar suas atividades diárias seja dentro ou fora do contexto escolar, para isso é necessário uma junção de forças que vai de uma extensão a outra, unindo família, escola, profissionais terapeuta que compõem uma equipe multidisciplinar, e a comunidade escolar todos juntos engajados em uma causa onde a troca de informações e aprendizado fará toda a diferença.

Portanto no que tange a comunidade acadêmica é de extrema importância a literatura científica esta abordando este tema autismo e suas complexidades beneficiando seus leitores seja no universo acadêmico ou fora dele sempre estará suprimindo as duvidas de quem esta em busca de informações, no contexto geral quando se recebe individuo para seu convívio cujo o mesmo esta dentro do espectro autista seja filho, aluno ou paciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se hoje que o autismo tem inúmeros comprometimentos que limita o autista seja criança, adolescentes ou adulto a realizar atividades simples de vida diária seja em casa, na escola ou até mesmo atividades profissionais e sociais dependendo do seu grau de autismo especifica- se seu nível de compreensão.

O comprometimento vai do cognitivo ou seja do intelectual prejudicado, ausência total ou parcial da fala.

Apartir desses pontos no qual o autista é mais prejudicado que surgiu o interesse em fazer essa pesquisa para explorar e analisar como esta sendo abordado o autismo na educação. No que se refere a revisão bibliográfica a abordagem acadêmica nos programas de Pós-graduação foi visto na literatura científica em relação ao autismo temas como: Comportamento, cognitivo, socialização, coordenação motora, intervenção terapêutica, atividades de vida diária, comunicação, práticas educacionais, processo de ensino e aprendizagem, relação autismo e família.

Todos esses temas circula nas literaturas acadêmicas, as temáticas abordadas na literatura científica colabora para uma compreensão e conhecimento para realização de atividades para atuar junto a pessoas com espectro autista proporcionando uma qualidade de vida ajudando a superar suas dificuldades. Foi uma análise relevante para compreender como os profissionais da educação estão discutindo essa relação do autista e a educação, e como vem adequando sua formação profissional para atuar com o educando autista.

Não existe uma fórmula pronta para intervir nas dificuldades na qual o autista é acometido, mas diversificadas informações que proporciona um direcionamento para profissionais que fazem parte de equipes multidisciplinar, educadores, estudantes e familiares.

Para realizar intervenções educacionais ou terapêuticas no intuito de proporcionar ao autista melhorias no contexto geral na vida educacional, familiar e social. Proporcionando a criança, adolescente e adulto dentro do espectro autista uma organização sensorial, comportamental, social e educacional provendo qualidade de vida para ele e sua família e todos que fazem parte de sua rotina diária.

È de extrema importância continuar buscando aprofundar os estudos sobre o autismo, como foi visto através das análises feitas na BDTD, há produções acadêmicas nos programas de pós graduação direcionada para o autismo infantil cujo objetivo da pesquisa foi alcançado.

Entretanto um ponto que chama atenção é a falta de estudos sobre autismo direcionado para o autista adolescente e adulto, é interessante abordar essa fase do autista nas produções acadêmicas nos programas de pós graduação e assim acrescentar novos conhecimentos em relação a essa fase do autista adolescente e adulta que ainda é pouco explorada conforme foi identificado com a análise da pesquisa feita na BDTD.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elizabeth Antonia Borges de. **UMA NOVA VISÃO PARA ANTIGOS HÁBITOS: A visão psicopedagógica sobre a avaliação escolar**, Rio de Janeiro: 2004.

**BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)**

Disponível em <http://bdtd.ibict.br> acesso em 20/11/2017

BEREOHFF, Ana Maria P. **AUTISMO: uma história de conquistas**. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/885/792>. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

BOAVENTURA, Edvaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2007.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: Um Jeito Diferente de Aprender, Um Jeito Diferente de Ensinar – Idéias e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CAVALCANTE, Roseane 2016. **Lei brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** disponível em :

<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/lei-brasileira-de-inclusao-da-pessoa-com-deficiencia-novo> Acesso em 17/11/2017

Cap 437 Decio BRUNONI, Marcos MERCADANTE, José Salomão SCHWARTZMAN. **Transtornos do espectro do Autismo**. Pp. 5731-5746 Disponível em [http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/user\\_upload/Transtorno\\_do\\_Espectro\\_do\\_Autismo\\_processo\\_seletivo\\_2015.pdf](http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/user_upload/Transtorno_do_Espectro_do_Autismo_processo_seletivo_2015.pdf) Acesso: 16/11/2017

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição - São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Jessica Jaine Marques de. **Intervenção centrada na família: influência nas habilidades comunicativas e interativas da criança com transtorno do espectro autista e no empoderamento parental**. Disponível:

Em <http://w3.ufsm.br/edea/images/dissertao.pdf> acesso em 16/11/2017

MARTINS, Jorge Santos. **Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005.

MACHADO, Miriam. **Plano de Ação Pedagógica ou PIE (Plano Individualizado de Estudo)**. Postado em: 03 de jul. de 2013 no Blog Miri@n e Cia. Disponível em: [http://mirianecia.blogspot.com.br/2013/07/plano-de-acao-pedagogica-ou-pieplano\\_3.html](http://mirianecia.blogspot.com.br/2013/07/plano-de-acao-pedagogica-ou-pieplano_3.html). Acesso em: 10 de agosto 2014.

MATOS, Selma Norberto; MENDES, Enicéia Gonçalves. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais**. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/2889/2571> Acesso em 09 jul 2017.

MERANI, Alberto L. **Psicologia Infantil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

OLIVEIRA, Mari Angela Calderari. **Intervenção Psicopedagógica na Escola** 2 ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=GblDZIKN9\\_0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=GblDZIKN9_0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 de agosto 2014.

OLIVEIRA, Vera Barros de et al. **Avaliação Psicopedagógica da criança de Zero a Seis Anos**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PRESTES, Nelzira, NENO, Iracema. **A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032188303309> Acesso em 16/11/2017

SCRAPSHOW, Angell. **UNIVERSO AUTISTA ENTENDA ESTE MUNDO PARA PODER AJUDAR**.

Disponível em: <http://universoautismo.blogspot.com.br/2012/07/movimento-tudo-azul-autismo-e-tgds.html#.Wg5MnlWnHIU> Acesso 16/11/2017